

O drama de estar na fila dentro da fila

● A crise nos hospitais públicos do Rio está criando um novo tipo de doente: o paciente na fila dentro da fila. O cearense Francisco Rodrigues do Nascimento é o retrato 3 X 4 desse paciente. Depois de alguns “conhecimentos” e um mês de espera, ele conseguiu uma vaga no Hospital Albert Schweitzer para então aguardar sua vez de chegar ao centro cirúrgico da mesma unidade de saúde. Ele espera deitado há quase cinco meses. E o pior é que pode trilhar o mesmo caminho de sua mulher, Francisca Lopes, de 55 anos. Depois de seis meses internada, ela teve que amputar uma perna, que gangrenou:

— A perna dele já está atrofiando. Toda hora dizem que vão operar. Ninguém imagina como eu sofro.

O marceneiro era quem mantinha a casa com o que recebia de biscates. Francisca conta que, há quatro anos, ele caiu, fraturou o fêmur e pôs uma prótese, mas em dezembro o osso saiu do lugar.

O superintendente de Saúde do estado, Adelino Simões, disse que Francisco está se recuperando de uma pneumonia e de uma cardiopatia, para se preparar para a cirurgia.

— Nunca disseram que ele tinha problemas de coração ou pneumonia. Era só uma anemia — surpreende-se Francisca.

No Hospital Geral de Bonsucesso, a superlotação se reflete na emergência apinhada de gente, cena que lembra o hospital canadense do filme “Invasões Bárbaras”. O diretor da Comissão de Ética do HGB, Júlio Noronha, conta que Maria das Graças Ferreira dos Santos, de 56 anos, chegou ali em 26 de janeiro com acidente vascular cerebral. Embora conste que recebeu alta dia 14 do mês passado, ela continuava no HGB até quinta-feira passada.